



ÓPERA XUCRA DO CONTESTADO, 110 ANOS DA PÁSCOA SANGRENTE DE 1915: UMA CONTRIBUIÇÃO À GEOGRAFIA CULTURAL E A RESSIGNIFICAÇÃO SOCOTERRITORIAL DA REGIÃO DA GUERRA DO CONTESTADO

Ópera Xucra of the Contestado, 110 years of the bloody easter of 1915: a contribution to cultural geography and the socio-territorial resignification of the Contestado war region

Ópera Xucra del Contestado, 110 años de la Pascua Sangrienta de 1915: una contribución a la Geografía Cultural y a la resignificación socioterritorial de la región de la Guerra del Contestado

RESUMO

O presente trabalho apresenta a proposição de uma Ópera Xucra Cabocla, tratando-se de uma peça/óperaque versa sobre os momentos finais da Guerra do Contestado, que ficou conhecido como Páscoa Sangrenta, rememorando os 110 anos da Páscoa de 1915 que colocou fim ao Reduto de Santa Maria, maior reduto de resistência cabocla da Guerra do Contestado, na região que hoje forma os municípios de Lebon Régis e Timbó Grande. Essa proposta traz uma discussão histórico-geográfica sobre a guerra em si, bem como a cultura cabocla e o cerco final dos combates, especialmente os que ocorreram no Reduto em questão. Metodologicamente, se percorre elementos da Geografia Cultural e são feitas análises socioterritoriais. A proposta inclui uma apresentação que contará com uma cidade cenográfica, formando um quadro santo caboclo, quatro cruzes e tochas, fumaça cenográfica que se mantém no nível do solo. Ao final, a dramaturgia presente na Ópera encenará a destruição do Reduto de Santa Maria pelas forças legalistas, contando com muitos figurantes que coreografam a morte no quadro santo.

Palavras chave: Guerra do Contestado. Ópera Xucra. Vale da Morte. Santa Catarina

* Universidade Estadual de Londrina. Departamento de Geografia. Professor do Programa de Pós-graduação em Geografia da Universidade Federal de Rondônia. Coordenador do Laboratório de Geografia, Território, Meio Ambiente e Conflito e do Observatório da Região e da Guerra do Contestado.

ABSTRACT

This work presents the proposal for a Ópera Xucra Cabocla, which is a piece/opera that focuses on the final moments of the Contestado War, known as the Bloody Easter. It commemorates the 110 years since the Easter of 1915, which marked the end of the Santa Maria Redoubt, the largest stronghold of caboclo resistance during the Contested War, in the region that today encompasses the municipalities of Lebon Régis and Timbó Grande. This proposal brings a historical-geographical discussion about the war itself, as well as the caboclo culture and the final siege of the battles, especially those that took place in the mentioned Redoubt. Methodologically, it explores elements of Cultural Geography and conducts socioterritorial analyses. The proposal includes a presentation that will feature a scenic city, forming a caboclo holy tableau, four crosses, and torches, with smoke effects that remain at ground level. In the end, the dramaturgy present in the opera will depict the destruction of the Redoubt of Santa Maria by the legalist forces, involving many performers who choreograph the deaths in the holy tableau.

Keywords: Contestado War. Xucra Opera. Valley of Death. Santa Catarina.

RESUMEN

El presente trabajo presenta la proposición de una Ópera Xucra Cabocla, que trata sobre los momentos finales de la Guerra del Contestado, conocida como la Pascua Sangrienta, conmemorando los 110 años de la Pascua de 1915, que puso fin al Reduto de Santa María, el mayor bastión de resistencia cabocla de la Guerra del Contestado, en la región que hoy forman los municipios de Lebon Régis y Timbó Grande. Esta propuesta trae una discusión histórica-geográfica sobre la guerra en sí, así como la cultura cabocla y el cerco final de los combates, especialmente los que ocurrieron en el Reduto en cuestión. Metodológicamente, se recorren elementos de la Geografía Cultural y se realizan análisis socioterritoriales. La propuesta incluye una presentación que contará con una ciudad escenográfica, formando un cuadro santo caboclo, cuatro cruces y antorchas, humo escenográfico que se mantiene a nivel del suelo. Al final, la dramaturgia presente en la ópera escenificará la destrucción del Reduto de Santa María por las fuerzas legalistas, contando con muchos figurantes que coreografián la muerte en el cuadro santo.

Palabras-clave: Guerra del Contestado. Ópera Xucra. Valle de la Muerte. Santa Catarina.

A GUERRA E A PAZ NUNCA ALCANÇADAS

Quando vi separar-se do tronco a cabeça do condenado, caída com sinistro ruído no cesto, compreendi, e não com a razão, mas com todo o meu ser, que nenhuma teoria pode justificar tal ato.

Leon Tolstói

Após ver uma execução
em Paris, em 1857.

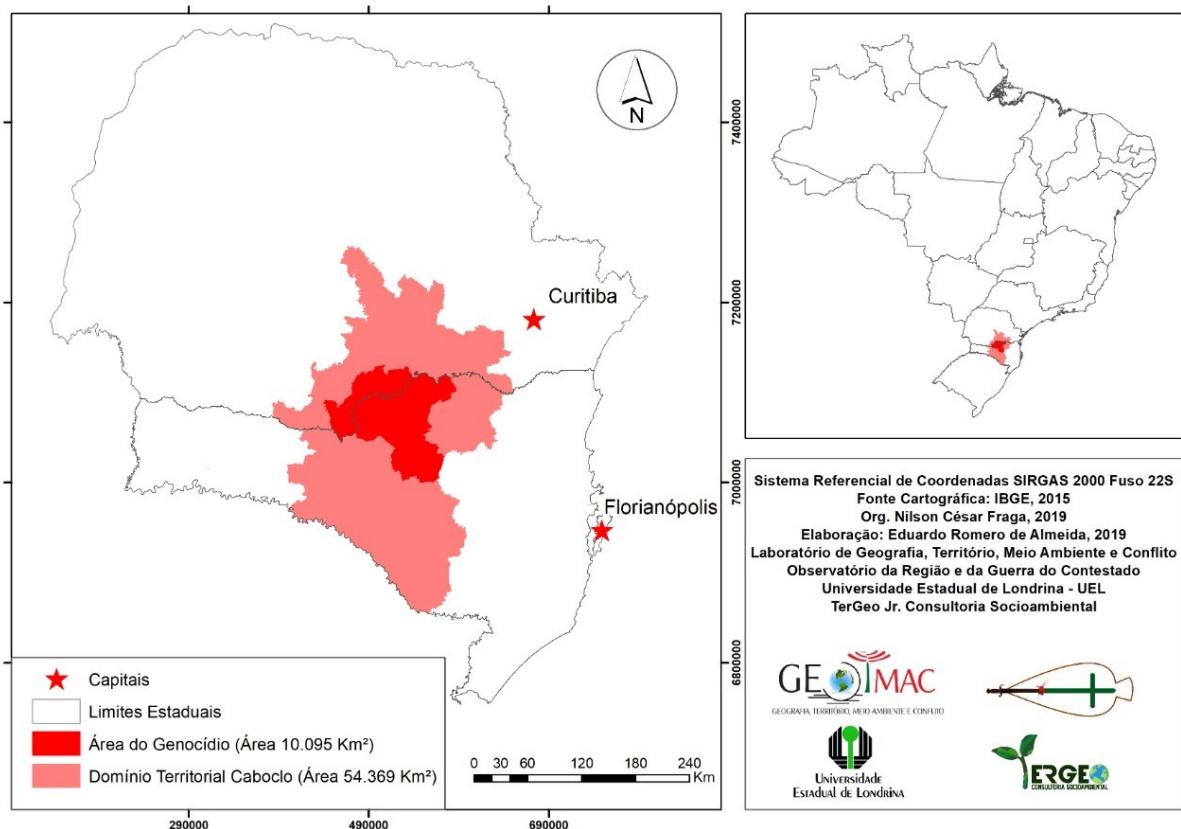
Para Leon Tolstói, Guerra e paz não é um romance, muito menos um poema, e menos ainda uma crônica histórica, pois retrata o preconceito e a charlatanice da nobreza, e também suas tradições religiosas, ao lado da vida cotidiana dos soldados e dos servos. Ouso parafraseá-lo, dizendo: o Contestado não é um poema, menos ainda uma fotografia histórica bonita em preto e branco, é mais do que crônicas banais históricas, mas retrata muito bem o preconceito e a hipocrisia das oligarquias regionais e nacionais na soberba de se considerarem os donos do mundo e das pessoas, impregnados pelas suas tradições do cristianismo, do compadrio e das esmolas, uma elite arrogante e distante da realidade das milícias que a protegia contra os reflexos da sua ganância; mas, próxima do sertanejo-caboclo por conta dos seus braços que erguiam taipas, domavam cavalos, guiavam o gado, colhiam a erva mate, limpavam suas latrinas e suas salas com móveis vindos da própria Europa de Tolstói, fato que lhes permitia ser coronéis para os servo-caboclos lavados pelas águas de São João Maria do batismo dos interesses dos donos do sertão. Eis que o clássico nos permite ler a maldade do cotidiano do mundo sertanejo brasileiro. Tanto no mundo de Tolstói, quando no mundo caboclo, a realidade não é uma Ópera-bufa, é um descortinar a tragédia do sangue gerado pelas guerras, elas que são intermináveis no mundo todo, e que aconteceu em uma nesga de terras Contestado entre Santa Catarina e o Paraná, fazendo dos sertanejo-caboclos, heróis desiguais em uma guerra de extermínio do Estado brasileiro das velhas, e sempre presentes, oligarquias. E, justamente pensando na norma culta envolvendo a Ópera-xucra da língua formal e, a Ópera Xucra, mantém-se a última forma de escrita, pois ela passa ser uma síntese uma manifestação cultural popular que se apresenta aqui, onde a norma culta das elites, ou das velhas oligarquias, não tem vez e nem sentido de ser, pois o povo sertanejo-caboclo do Contestado, segue em guerra, a guerra em luta pela coexistência da sua cultura secular com a europeia que lhe cerca desde a derrubada do Reduto de Santa Maria-Caçador Grande, onde as forças legalistas destroçaram milhares de corpos, queimaram 5.532 casas e 11 igrejas, gerando a Páscoa Sangrenta de 1915. Essa proposta de uma Ópera Xucra cabocla nos remete a *escrevivência*, ato de escrever e viver, se ver, de Conceição Evaristo, esse ato de transformar em palavras a denúncia por meio da provocação, a ciência e a arte importunando a carapaça dura do mundo

burguês, necessária para romper o silenciamento e a invisibilidade impostas ao mundo sertanejo-caboclo, assim como o massacre perpetrado pelo Estado, 110 anos antes de hoje.

Afinal, ainda hoje, o território do Contestado, seja na porção catarinense ou na paranaense, é marcado por elevada vulnerabilidade social representada por meio dos baixos índices de desenvolvimento humano que o acompanham nas últimas décadas, fruto dos parcós investimentos geradores de desenvolvimento regional, fazendo com que ele se caracterize como um dos territórios mais subdesenvolvidos do Sul do Brasil. Parte desse subdesenvolvimento se deve as mazelas oriundas da Guerra do Contestado, ocorrida na região entre 1912 e 1916, impeditivas da incorporação regional das áreas mais dominadas por população tradicional cabocla descendente do genocídio do início do século XX e da subsequente reterritorialização do território Contestado canoclo por imigrantes europeus pobres ocorrida no pós-guerra. Em suma, o Contestado viveu uma guerra no início do século XX, e segue em guerra até a presente data, pois a luta pela vida, significa viver lutando para vivem em suas terras ancestrais, expropriadas por estrangeiros em conluio com as oligarquias regionais e o Estado brasileiro.

Tais elementos norteadores e dos formadores socioterritoriais do Contestado são marcados por um gama de espacialidades, sendo possível caracterizar a região com predomínio sociocultural pelo grupo social caboclo e, no meio dela, a área onde se desenrolou a Guerra do Contestado, que visava limpá-la para uma ocupação europeia que seguiria os padrões de colonização do interior sulista onde se pretendia construir uma nova Europa em céus da América. A Figura 1 permite verificar o território caboclo e a área da guerra, mesmo que o território seja maior, este contido no mapa é fruto de exaustivos trabalhos de campo que, seguem, e buscam provar a existência de um civilização caboclo-sertaneja.

Figura 1: Mapa do território caboclo do Contestado e área da Guerra do Contestado



Fonte: Fraga (2019).

De acordo com Claval (2007), a cultura é o conjunto indissociável de conhecimentos, técnicas, saberes, valores e comportamentos adquiridos, sendo esse conjunto transmitido como uma herança ao longo das gerações. A cultura não é imutável, isto é, pode sofrer alterações, seja a partir do contato com culturas diferentes ou a partir da iniciativa e transformação dos próprios sujeitos que compartilham dela. Cada cultura é original e possui suas próprias peculiaridades. No entanto, existem elementos que são essenciais e se fazem presentes nas diversas culturas, como por exemplo, o estabelecimento de código de comunicação e hábitos similares entre os indivíduos.

Para uma melhor compreensão da Guerra do Contestado, ocorrida no início do século XX e que foi definidora dos territórios atuais de Santa Catarina e do Paraná, além de constituir aquelas denominadas região do Contestado Catarinense e Sul Paranaense, apoia-se neste autor pela produção geográfica (Fraga, 2005, 2006, 2009, 2010, 2011, 2013, 2017, 2019 e 2020) que pesquisa a Geografia do Contestado desde 1994; para este autor, a Guerra do Contestado foi uma das maiores guerras civis do continente americano, porque o genocídio de milhares de camponeses empobrecidos foi sua principal marca. A Guerra do Contestado é um episódio complexo, pois é alimentado por vários fatores que se entrelaçam, sejam de ordem social, política, econômica,

cultural, sejam de ordem religiosa. Esses elementos são responsáveis pela atual formação territorial dos municípios envolvidos no conflito (Fraga, 2013).

A região outrora contestada e que viveu quatro longos anos de guerra civil camponesa, vive hoje composta por grande parcela da população empobrecida e mesmo na miséria. Os plantios de pinus, principal fonte de renda da atualidade no Contestado, ocuparam o espaço das matas dos pinhais, das centenárias araucárias usadas como pontos de referência dos caboclos rebeldes e seus descendentes. As estradas do Contestado continuam de terra e cascalho, inclusive as de acesso a cidades, como Frei Rogério, mas entre Timbó Grande e Caçador, Lebon Régis e Canoinhas, dentre outras que obrigam moradores e viajantes, darem enormes voltas no território para irem de uma cidade para outra. Na divisa entre os estados catarinense e paranaense, há falta de pontes, onde ainda se usa balsa para fazer a travessia interestadual. Às margens delas, as plantações de pinus são homogêneas, com árvores plantadas em áreas divididas em blocos, crescendo na mesma altura nos terrenos baixos, nos morros e nos pés de serras elevadas (Nossa & Júnior, 2012). A região está se transformando lenta, ou, rapidamente, num grande deserto verde, onde antes se plantava a roça e a pequena lavoura para venda e subsistência, se veem as propriedades abandonadas e dominadas por este alienígena – o pinus.

A falta de infraestrutura de toda ordem, associada aos elevados índices de empobrecimento da população, a periferização existente, mesmo nas menores cidades e, ainda pelo fato do povo descendente dos sertanejo-caboclos que lutaram durante a Guerra do Contestado servirem de mão de obra barata para a indústria madeireira e o plantation de pinus, maças etc., fazem desta região, uma das mais carentes do Sul do Brasil, com milhares de famílias empobrecidas (Fraga, 2012).

A recuperação e ressignificação da identidade cabocla tem feito com que a população do Contestado, de acordo com Vitiello e Frois (2019, p. 153), “se desvincilhe do estigma criado para desqualificá-lo e para justificar o seu massacre na Guerra do Contestado. Ações de reafirmação de âmbito cultural e econômico têm procurado ressignificar o que é ser um caboclo”. De acordo com Fraga (2012), as pesquisas permitem considerar a região do Contestado como uma região cultural, já que, no decorrer da história, foi estabelecida pelas redes culturais que pautaram a formação socioterritorial com uma identidade própria – a sertanejo-cabocla do Sul do Brasil (Fraga, 2024).

No que concerne as questões histórico-geográficas, a Região da Guerra do Contestado mais profundamente cabocla se encontra nos municípios mais subdesenvolvidos de Lebon Régis, Calmon, Timbó Grande, Matos Costa. Nestes municípios, por conta da expropriação de suas terras de direito que foram cedidas à madeireiras, os caboclos foram banidos delas, pois não possuíam o título de posse formal, diferente dos coronéis latifundiários regionais, que eram proprietários dos cartórios e, consequentemente, dos títulos de posse que forjavam para si e seu apadrinhados. Os

habitantes regionais que não possuíam condições para comprar as terras e se instalar como fazendeiros, aqueles destituídos de recursos financeiros, tinham que penetrar no sertão e encontrar seu lugar para produzir a terra e sobreviver. Naquela época, as terras não tinham muito importância, mas com a entrada do capital estadunidense, elas passaram a ter grande valor, sendo esse, um dos fatores causadores da guerra (Fraga, 2006).

Via de regra, no mundo sertanejo-caboclo do Contestado as pessoas abriam uma clareira no meio da mata, plantavam, levantavam suas casas e se estabeleciam ali, sem que ninguém os incomodasse, pois estavam nos fundos dos latifúndios, terras sem valor comercial naquela época. Assim, não havia preocupação em documentar a terra que ocupavam, as pessoas apenas viviam sua vida, em um modo de vida simples, tratando da terra, das pequenas criações, coletando erva-mate e prestando algum serviço para os fazendeiros e coronéis no sistema de compadrio. A terra, até aquele momento era utilizada pelos caboclos em caráter coletivo, ou seja, eles não tinham o costume de cercar as áreas que ocupavam e a criação de animais também se dava assim, criavam porcos soltos sob os pinheirais. Havia a extração da erva-mate, vegetação associada à mata com araucária, que era predominante na região (Fraga, 2019).

Portanto, de um lado estavam os grandes empresários que trabalharam e receberam do governo a garantia de pagamento em terras, e, do outro, os caboclos, que viam a região como seu lugar, sua terra. Após milhares de mortos, os governantes começaram a perceber que um grande contingente seria necessário para enfrentar os caboclos que, conhecedores do relevo da região e dispostos a morrer para proteger suas terras, não se curvaram ao Exército brasileiro, cujas forças legalistas incluíam três mil milicianos contratados pelos coronéis, mais os efetivos das polícias dos três estados do Sul (Fraga, 2013).

O resultado da Guerra do Contestado, foi a morte, oficialmente, de mais de sete ou dez mil sertanejo-caboclos; contudo, os estudiosos sobre o tema dizem que esse número pode chegar em até 12 mil, entre a guarda nacional e os caboclos, com maior número de mortes (Ferreira, 2007). Já Fraga (2019, p. 99) aponta para, possivelmente, mais de 30 mil mortos.

Não se tem um número preciso sobre o total de mortes na Guerra do Contestado, mas estima-se que gire em torno de 10 mil, podendo chegar a 30 mil, pois o Exército brasileiro ergueu numerosos crematórios de cadáveres pela região deflagrada, eliminando, desta forma, milhares de corpos. Já que nos anos posteriores ao final da guerra, forças policiais e milícias contratadas realizam ainda junto aos coronéis da região buscas pelos sertões com o propósito de impor a ordem e acabar com possíveis resistências do Exército Encantado de São Sebastião e São João Maria. O que se sabe é que estas forças realizaram uma verdadeira limpeza étnica na região do Contestado, matando os caboclos refugiados no meio do mato, sem discriminá-los quem quer que fosse encontrado: homens, mulheres, velhos ou crianças, todos eram executados, muitos destes eram cremados, outros eram lançados ao mato, servindo de alimento para os porcos e as aves de rapina (Fraga, 2019, p. 99).

Dezenas de redutos caboclos foram destruídos pelas forças legalistas, sobretudo entre os anos de 1913 e 1917, sendo o maior e mais importante de todos, o reduto de Santa Maria-Caçador Grande (Figura 2), que se estendia em uma área de mais de 16 quilômetros entre os rios Santa Maria e a desembocadura do rio Caçador Grande com o rio Timbó, que se localiza, hoje, na divisa de Lebon Régis ao território de Timbó Grande na direção ao rio Iguaçu, na divisa com o Paraná.

Figura 2: Imagem do Reduto de Santa Maria, antes da destruição.



Fonte: Domínio Público (s./d.).

A Guerra do Contestado foi um evento bastante violento com consequências socioterritoriais para todo o Sul do Brasil, principalmente no que concerne à cultura cabocla regional. Nela, se sobrepunderam vários níveis de conflitos: divergências entre Argentina e Brasil, questões de posse de terras entre diferentes coronéis, a questão de divisa entre os estados do Paraná e Santa Catarina, e os conflitos socioterritoriais entre fazendeiros e caboclos, entrelaçados pela entrada do capital imperialista estadunidense, na construção da Estrada de Ferro São Paulo-Rio Grande e sua milícia de mais de 200 homens estrangeiros armados que expulsavam a população cabocla das suas terras ancestrais e da implantação da Companhia Madeireira Lumber, esta última devastando a floresta com Araucária, ambiente que marcava o modo de vida caboclo (Fraga, 2017).

Os caboclos do Contestado, cansados, desacreditados, e imbuídos de um sentimento de revolta pelos abusos que sofriam, se uniram na crença do catolicismo popular, aderindo às pregações do monge José Maria que os teria incentivado a lutar pelos seus direitos – a fé inabalável, se constituiu como o maior fator de coesão popular sertaneja que os manteve em guerra civil durante quatro anos contra o maior esforço de guerra promovido pelo Exército brasileiro, dentre suas ações internas ao território nacional.

O Exército Encantado São Sebastião e São João Maria contou com mais 10 mil pessoas armadas, homens, crianças e mulheres juntos, tanto jovens como velhos. Lutando assim, a população inteira pela sua sobrevivência econômica e cultural, e devido sua forte fé, resistiram até ao fogo armado acreditando que isto faria parte da sua glória. Mas os caboclos e as caboclas venceram moralmente a guerra, pois seus princípios éticos prevalecem até os dias atuais.

Por fim, a tática militar foi cercar os camponeses numa região menor (o vale dos rios Santa Maria-Caçador Grande) e nela ir penetrando ainda que lentamente onde não deixassem entrar alimentos e munições aos redutos, enfraquecendo os sertanejos. As doenças foram exterminando os revoltosos, sendo que alguns fugindo da morte acabavam se entregando as forças oficiais, sendo, a maioria, executada sumariamente (Fraga, 2005).

Não se tem um número preciso sobre o total de mortes na Guerra do Contestado, mas estima-se que gire em torno de 10 mil, podendo chegar a 30 mil, pois o Exército brasileiro ergueu numerosos crematórios de cadáveres pela região deflagrada, eliminando, desta forma, milhares de corpos (Fraga, 2006). Já que nos anos posteriores ao final da guerra, forças policiais e milícias contratadas realizam ainda junto aos coronéis da região buscas pelos sertões com o propósito de impor a ordem e acabar com possíveis resistências do Exército Encantado de São Sebastião e São João Maria. O que se sabe é que estas forças realizaram uma verdadeira limpeza étnica na região do Contestado, matando os caboclos refugiados no meio do mato, sem discriminhar quem quer que fosse encontrado: homens, mulheres, velhos ou crianças, todos eram executados, muitos destes eram cremados, outros eram lançados ao mato, servindo de alimento para os porcos e as aves de rapina.

Nesse sentido, a Guerra do Contestado é, antes de tudo, marcada pelo crime de guerra, por crimes contra a humanidade. Os relatos militares, mesmo que discretamente, apontam para isso, mas, acima de tudo, a história oral trazida pelos sobreviventes aponta para isso, dentre o material publicado nos últimos anos. O pequeno fragmento que segue, demonstra um pouco dos fuzilamentos sumários ocorridos na região:

Fuzilamento. Um raro relatório militar comprova a execução de prisioneiros. O documento enviado por Manoel Onofre, comandante da Coluna Norte, ao general Setembrino de Carvalho, a 21 de fevereiro de 1915, descreve que cinco rebeldes foram mortos depois de serem rendidos pela patrulha do capitão

Potyguara no dia 17. "Em diversos telegramas passados a V. Ex. tive o prazer de vos comunicar, sucessivamente, os grandes serviços prestados pelo operoso capitão Tertuliano Potyguara, de quem deveis já fazer juízo seguro, por isso, agora, me limito a súmula do que o consegui de sua actividade, de 10 a 19 do corrente. Dia 10 - 4 fuzilados que resistiram a prisão. Dia 11 - 9 mortos. Dia 13 - 25 mortos. Dia 14 - seis mortos. Dia 17 - 30 casas incendiadas e 5 jagunços mortos, presos com armas na mão." No dia 18, Potyguara matou outros 16 rebeldes. "Morreram o famigerado negro Vieira, filho e mais 14 bandidos, seus companheiros", descreve Manoel Onofre. (Nossa & Junior, 2012).

Concluída a campanha militar republicana na Semana Santa - Páscoa -, em abril de 2015, tem início a perseguição aos sobreviventes, iniciando um processo de limpeza socioterritorial que perdurará por alguns anos.

A 6 de abril de 1915, Setembrino enviou telegrama ao capitão Vieira da Rosa, determinando perseguição os rebeldes que conseguiram escapar do reduto durante os combates. "Capitão, em vista ter sido tomado o reducto Santa Maria, tendo o inimigo perdido em combate mais de seiscentos homens e sendo arrasadas cinco mil casas, muitas igrejas e ranchos, está terminada a campanha, devendo-se effectuar perseguição aos fugitivos em todas as direções. Saudações, general Setembrino."

O general Setembrino de Carvalho passará a história como o grande herói da Guerra do Contestado, tendo sido ele que, depois de quatro anos, colocou fim a rebeldia cabocla regional. Muitos militares que estiveram em canudos, agiram sobre o Contestado, mesmo já tendo conhecimento sobre as atrocidades cometidas em Canudos e denunciadas por Euclides da Cunha, os relatórios militares expõem o massacre cometido sobre a região. Mas, desde que Setembrino assumira o comando das operações, havia ficado clara a opção por uma guerra total, até a vitória, sobre o povo caboclo. Nem todos os oficiais que atuaram no Contestado tinham as concepções dos oficiais que atuaram em Canudos, mas, mesmo assim, a matança foi geral

Embora Setembrino tenha optado por uma guerra total contra os caboclos do Contestado, recorrendo a práticas denunciadas por Euclides da Cunha, relatórios feitos durante a sua campanha expõem de forma escancarada a divisão de concepção de ação entre os oficiais que lá atuaram. As ações, em muitos casos, foram superiores as registradas em Canudos, pois o genocídio fica confirmado, quando se tem a cremação de cadáveres, as execuções sumárias, as degolas, as atrocidades sexuais. Nos combates finais, na guerra de arrasamento, os militares incendiavam todas as casas e lavouras caboclas encontradas pela região, deixando uma legião de pessoas sem abrigo e sem acesso à comida, forçando, desta forma, a rendição e a facilitação das execuções da população. Respeitando princípios cristãos, as forças legalistas alimentavam os caboclos e caboclas capturados, incluindo crianças, velhos e enfermos, na sequência, depois de alimentados, eram apartados para uma área de degola ou fuzilamento sumário, geralmente na beirada de um rio, na beirada de uma

cova ou perto de um crematório de cadáveres, a figura 3 mostra uma família sendo alimentada antes de ser eliminada.

Figura 3: Família cabocla sendo alimentada antes de ser eliminada.



Fonte: Fotógrafos das forças legalistas, contratados para mostrar uma guerra limpa, provavelmente, nos primeiros meses de 1915.

Não se pode duvidar que a República era refém do regime das oligarquias agrárias, que era dominada pelos coronéis do latifúndio, cujas instituições eram corruptas e que não davam conta de evitar os desarranjos políticos naquela época. O Contestado retrata a realidade da Velha República, por isso o Contestado foi condenado ao mais profundo esquecimento, pois as atrocidades cometidas, apenas atestam que os coronéis queriam eliminar toda a população cabocla, pois esta tinha assegurado seu direito à terra, pela posse da mesma.

Os coronéis, que são o mandonismo regional no Contestado, não diferem dos demais que dominaram todo o país, pois tiveram sua força e apoio jurídico na Guarda Nacional, instituição do Império (criada em 18 de agosto de 1831) e se mantiveram até, praticamente, o final da República Oligárquica. Essa Guarda Nacional que pertencia aos fazendeiros e chefes políticos rurais, recebiam o título de coronel e eram vários os que mandavam na região do Contestado. Esses senhores de terras com jurisdição local/regional tinham suas próprias intrigas, causando conflitos regionais, muitos dos quais tiveram que ser resolvidos por força do governo central, tanto imperial como republicano, pois formavam uma camada social com estatuto de nobreza. Seus poderes estavam

no prestígio, na riqueza representada na extensão da terra e do rebanho, nas zonas de influências e no curral eleitoral da época, sendo que alguns desses irão se envolver diretamente com os problemas do Contestado, desde agosto de 1912, dois meses antes do início da guerra. São esses coronéis que, ao final da expedição do Exército brasileiro, a partir de abril de 1915, ficaram com o armamento do Exército, e contrataram as milícias (vaqueanos/jagunços) para eliminar a população cabocla que havia sobrevivido ao cerco militar-republicano do reduto de Santa Maria-Caçador Grande.

Nas geografias possíveis sobre o Contestado se tem a nítida certeza de que aquele território segue coisificado pela construção do seu mundo real, mas não apenas por ele, pois numa relação espaço-tempo com rugosidades registradas no território usado pelos caboclos, a região ainda é dominada pelas coisas que dão sentido incontestável ao caboclismo contestadense, há toda uma gama de fragmentos relictuais que permitem ver e sentir o Contestado como região com forte base de identidade territorial e cultural, mesmo que o reconhecimento cultural caboclo ainda esteja gatinhando, na escala local e regional – a Figura 4 permite observar um construção alusiva aos 70 anos do final da Guerra do Contestado, uma igreja cabocla edificada sobre o sítio histórico-geográfico do reduto de Santa Maria.

Figura 4: Réplica de uma igreja cabocla em Santa Maria, datada de 1986.



Fonte: Fraga (2004).

Próximo da réplica da igreja, há um monumento alusivo aos 70 anos do final da Guerra do Contestado (Figura 5), ele versa sobre os acontecimentos ocorridos naquele local durante a guerra,

implantado pelo Governo de Santa Catarina, em 1986, confirma a destruição e queima de mais de cinco mil casas e onze igrejas, assim como um número oficial de mortos.

Figura 5: Placa marcador do massacre ocorrido em Santa Maria, em 1915.



Fonte: Fraga (2004).

Uma série de fatores caracterizam o Contestado como guerra, pois, em princípio, tanto o(s) (e)Estado(s), como as elites regionais, caracterizaram a população cabocla como um inimigo ativo organizado, pois, principalmente a partir de 1913, havia, entre a maior parte dos caboclos uma espécie de reciprocidade de ação voluntária na luta pela causa – a terra, como elemento basilar. Mas o Contestado vai além, quando possui caráter de fenômeno coletivo, definido por duas circunscrições importantes: o elemento subjetivo - a intenção -, e um elemento político - a organização. Considerando esses fatores,

avalia-se o Contestado como guerra, pelo fato dela estar ao serviço dos interesses políticos daquele período histórico, onde, de um lado temos toda uma população cabocla lutando pelo direito à terra e, do outro, os interesses das elites de então, que possuíam o poder e as forças políticas e bélicas para eliminar a resistência cabocla contrária aos interesses imperialistas envolvendo Estado-elites e o capital estrangeiro que avançava sobre as terras seculares caboclas, terras que foram reocupadas no pós-guerra, muitas das quais estão esvaziadas de gentes até hoje (Figura 6), pois ao caboclo sobrevivente, a terra não lhe pertencia mais a partir de 1915.

Figura 6: Cemitério centenário de Santa Maria, local dos combates finais, esvaziados de vida humana, em 2004.



Fonte: Fraga (2004).

A grande pastagem presente no primeiro plano na figura 6, intercalada pelo mato crescente, se trata do maior, mais importante e icônico campo santo da Guerra do Contestado. Já havia nesse espaço um singelo cemitério caboclo secular, mas o reduto santo de Santa Maria-Caçador Grande vivenciou, na Semana Santa de 1915, os últimos e mais violentos combates finais da guerra. Desde este local até a confluência dos rios Santa Maria, Caçador Grande, Lava Tripa etc. com o rio Timbó, milhares de caboclos viviam seu maior agrupamento, em milhares de casas e onze igrejas, tudo feito em madeira, e tudo seria calcinado pela ação das tropas legalistas, na realidade, a maior ação do Exército brasileiro no conflito.

Durante quase dois meses de cercamento do vale, o povo caboclo-sertanejo viveu seus piores momentos na guerra, mas, na Páscoa daquele ano, os combates foram findados e a guerra contra os caboclos dada como encerrada pelo Exército. Durante dezenas de horas de bombardeio,

a população explodia junto às frágeis arquiteturas dos seus prédios. O número de mortos era grande, tanto que o cemitério de Santa Maria se transformou em uma vala comum aberta pelos caboclos que, ao cessarem os bombardeios, lançavam seus mortos e fechavam a vala.

Assim, esse simples campo com morraria ao redor, demonstrado na figura 6, é um dos maiores depósitos de corpos de toda a Guerra do Contestado, estando na memória local e regional como a maior carneira coletiva daqueles dias de violência desproporcional, havendo cerca de quatro mil corpos enterrados nas valas comuns que cercam o antigo cemitério da comunidade cabocla.

Não muito distante dali, em vales menores de outros afluentes do rio Timbó, há outras tantas valas comuns, quem sabe em menor número do que as dos locais de cremação de cadáveres durante a guerra, mas esses devem ser temas para divulgações futuras, pois não há como se negar que o Contestado é uma grande carneira da civilização caboclo-sertaneja, que inclui locais de sepultamentos secretos das forças legalistas.

Quando se considera o Contestado como guerra, tem-se que ponderar o fato de que dificilmente a guerra alcança os resultados esperados por qualquer um dos lados envolvidos, seja o das tropas legalistas, que se retiraram em 1915 deixando suas armas para os coronéis que contrataram milícias para fazer a limpeza da região, seja dos caboclos que seguiram resistindo depois do massacre de Santa Maria. Dos vestígios do grande massacre ocorrido no reduto de Santa Maria-Caçador Grande, ainda é possível retirar do solo desses sítios histórico-geográficos, a farta munição usada pelas forças legalistas no Cerco de Santa Maria, na Páscoa Sangrenta de 1915, como se observa na Figura 7, munição coletada no meio de uma pequena plantação de feijão, em trabalho de campo realizado em 2004.

Figura 7: Munição usada no ataque ao reduto de Santa Maria, de 1915.



Fonte: Fraga (2004).

O desenrolar da Guerra do Contestado foi marcado pelo caráter jurídico, um verdadeiro contrato, uma vez que não existe guerra sem regras, o Contestado seguiu as regras impostas pela República, que conclamava pela ordem social e pela não quebra dos contratos de concessão das terras caboclas para o investidor estrangeiro. No mais, afrontada, a República impõe a lei e a ordem sobre o território do Contestado, resolvendo antes do fim do genocídio lá gerado, um acordo de limites entre os litigantes (as elites latifundiárias) paranaenses e catarinenses. Havia, antes da guerra civil cabocla, uma questão de limites entre os estados federados e este já estava resolvido desde o início do século XX pela suprema corte de justiça brasileira, mas o Contestado se transformara em algo muito superior os interesses dos dois estados – o Contestado já era uma guerra marcada por condições legais de dois ou, mesmo, vários grupos hostis, em conflito por forças simultaneamente, recheado por sentimentos populares, por dogmas político-jurídicos e culturais. Pode-se afirmar que a Guerra do Contestado se originou pela posse dos territórios do sertão catarinense-paranaense, porém a mesma se avolumou a partir dos interesses políticos e econômicos, fora envolta por questão religiosa de resistência e, seu fim, se deu por meio de estratégicas típicas de uma guerra de arrasamento, moderna, inclusive, para aquele momento da história nacional e internacional.

Indiscutível, hoje, duvidar de que a ordem era para matar toda a população cabocla, para limpar a região do Contestado abrindo-a para a reocupação daquelas terras por uma onda migratória europeia, sobretudo de italianos e alemães, muitos destes migrantes do Rio Grande do

Sul e do litoral catarinense. Mas o Contestado recebera, também, escravos que concluíram a missão de transformar o Contestado numa nova Europa, nos céus da América, num processo de branqueamento da população do sertão sulista. As palavras do general Setembrino de Carvalho, comandante do Estado-maior das forças legalistas, resumem o alcançar dos objetivos pelas tropas federais, ele mesmo testemunha o massacre e comunica ao Palácio do Catete que o *último reduto dos fanáticos do Contestado foi varrido da face da terra – e os bandidos se dispersaram pelas matas*. Esses, dispersos pelas matas, serão caçados e eliminados pelas milícias dos coronéis do Contestado nos anos seguintes.

Por meio da atuação dessas milícias dos coronéis, os conflitos, perseguições e execuções que culminam com o massacre caboclo no Contestado se estenderam até 1918, por meio da limpeza da terra para a recolonização, sobretudo, do vale do rio do Peixe, mas também no Planalto Norte e Oeste Catarinense, Sudoeste, Sudeste e Sul Paranaense. Mas esse período pode ser ampliado na medida que faltam informações sobre os anos posteriores a guerra. Entre 1918 e 1930, período que coincide com a República Oligárquica, há um vácuo de subsídios para se atentar a atuação dos coronéis e suas milícias de caça aos caboclos.

A partir desse período, surgem mais dados, principalmente relacionado as indústrias madeireiras na região, que promovem a segunda limpeza dos terrenos que estavam sobre domínio da madeireira estadunidense Lumber. Não se pode duvidar, que tais milícia tenham atuado e perseguido o povo caboclo até os anos de 1940, podendo ir além disso, pois no vale do rio do Peixe, na região de Arroio Trinta e Salto Veloso, área de recolonização europeia, há farto registro sobre os colonos “italianos” queimando casas, lavouras e outros pertences caboclos e expulsando os mesmos de suas terras ancestrais, na década de 1930, e outro recordam de ter ido até a década seguinte.

A região da Guerra do Contestado traz consigo a herança de destruição e o distanciamento do poder público em relação às áreas de desenvolvimento econômico e social por numerosos fatores, estando alguns desses municípios de Santa Catarina com índices de desenvolvimento humano baixo; o forte êxodo rural ocorrido entre 1950 e 1990, levou ao esvaziamento populacional regional, abrindo espaço para o avanço do *plantation* de pinus em toda a região da Guerra do Contestado, incluindo já parte considerável do vale dos rios Santa Maria-Caçador Grande, observável na figura 8.

Figura 8: Vale dos rios Santa Maria-Caçador Grande, 2023.



Fonte: Fraga (2023).

Importante destacar, a partir da figura 9, a estrutura material do Crematório de Cadáveres de Perdizinhas, pequena localidade rural, do município de Lebon Régis, por onde tentou passar parte do êxodo caboclo que rumava para a Serra da Boa Esperança, e de lá para o vale de Santa Maria-Caçador Grande, sendo esses últimos dois considerados como redutos da promissão cabocla. Nessa época, no período do Açougue Humano do Contestado, dezenas de espaços de eliminação de corpos humanos caboclos foram erigidos pelas forças legalistas, sendo este o mais intacto, eles se espalham no sentido Leste-Oeste, de Santa Cecília até Porto União da Vitória, e no sentido Sul-Norte, de Lebon Régis até Canoinhas, passando por Timbó Grande, local do maior reduto do final da guerra.

Figura 9: Crematório de Cadáveres da Guerra do Contestado, de Perdizinhas.



Fonte: Fraga (2016).

A maioria dos locais de cremação de cadáveres era muito simples, muitas das vezes os soldados e milicianos usavam os espaços naturais, desde grotas, encostas de barracos e de araucárias seculares, lajes de rochas que margeavam rios e, como apresentado na figura 9, construíam espaços específicos para tais fins. Geralmente, crematórios como este apresentado eram feitos de técnicas bem simples, mas eficazes por conta dos ventos planaltinos: faziam um buraco de pouco mais de um metro de profundidade, erguiam uma barreira retangular com rochas, seguindo o padrão das seculares taipas do Sul do Brasil, e lançavam os corpos lá dentro, ateando fogo com o poder de queima da gripe, cuja seiva da araucária as faz arderem em chamas rapidamente, acrescentando o nó do caule do pinheiro, cujo poder de geração de calor permitia calcinar até os ossos.

Em outros casos de eliminação das vidas caboclas, sobretudo os cadáveres gerados na Páscoa Sangrenta de 1915, eram comuns as valas coletivas, há numerosas delas nos territórios dos municípios de Lebon Régis e Timbó Grande, eles foram criados devido à dificuldade de a natureza incorporar tanta carne humana, assim como as aves de rapina seriam poucas para tantas mortes.

Os mais impactantes, são o do vau do rio Timbó, na região central da vila, hoje sede do município, onde o empilhamento na margem direita do rio gerou enorme putrefação com liberação de vermes

e forte fedor de carne pobre, e a falta de forte correnteza, mantinha a pilha de corpos encalhada na entrada do lugar. As duas valas comuns de corpos de São Pedro também possuem grande quantidade de restos humanos, ainda não sendo escavada e analisada até o momento. Eram muito locais de eliminação de corpos entre Perdizinhas e Santa Maria-Caçador Grande, a maioria soterrada hoje pelo pinus, pelos prédios das cidades e vilas, pelas lavouras e, mesmo, esquecidos no espaço-tempo que marca o esquecimento registrado como patrimônio do Contestado.

Em Santa Maria, o antigo cemitério da localidade acabou se transformando em uma vala de corpos, contendo milhares de restos humanos, cuja importância, gerou a ação política e cultural de registrar os 100 anos da Páscoa Sangrenta de 1915, com uma placa confeccionada pela prefeitura, observável na Figura 10, cujo ato simbólico de rememoração e inauguração, ocorreu com representantes das escolas públicas, da prefeitura, da Associação Cultura Cabocla Filhos do Contestado, de pesquisadores, entusiastas pela questão da violência da Guerra do Contestado, e comunidade local.

Figura 10: Placa dos 100 anos da Páscoa Sangrenta de 1915, na vala comum de Santa Maria.



Fonte: Fraga (2015).

Ações, como tais marcações simbólicas no território do Contestado, alusivas à guerra e a ressignificação da cultura cabocla, possuem um papel importante, ajudando no rompimento das

invisibilidades e do silêncio imposto pela história oficial – os ditos vencedores -, sobre toda a região, havendo numerosos espaços demarcados, sobretudo nos municípios de Lebon Régis e Timbó Grande, mas também nos demais, principalmente nas cidades de cultura cabocla mais forte, a exemplo de Matos Costa e Calmon.

Mas, o futuro da região da Guerra do Contestado demandará mais investimentos em infraestrutura, mas também em cultura, pois, a partir desta, as comunidades estão desenvolvendo o hábito pelas artes e, acima de tudo, o reconhecimento e o respeito pela cultura cabocla, que vem resistindo desde o massacre promovido nos anos da Guerra do Contestado.

É um renascer a cada dia, a cada evento e a cada pessoa que se reencontra na dignidade de ser caboclo, em um território que fez essa população se negar, e que a negou por mais de 100 anos. Afinal, o povo sertanejo-caboclo insiste em existir e permanecer nas suas terras ancestrais, isso dura mais de 100 anos para os que lutam, diuturnamente, pelo direito à justiça, à terra e à comida.

Da mesma forma, o futuro dos grupos sociais caboclos na região da Guerra do Contestado e sua luta pelo direito de coexistência no conjunto regional europeizado a partir do término da Guerra do Contestado têm se dado, sobretudo, a partir de ações e políticas públicas culturais que envolvem as crianças e os jovens, mas que atraem as comunidades e visitantes, cuja promoção tem sido desde o centenário, por meio de iniciativas populares nos municípios do Contestado, cujo investimento em cultura, tem sido ampliado nos últimos anos, tanto na esfera municipal, estadual e federal.

Em boa parte dos municípios do Contestado, há iniciativas culturais sobre a questão da guerra e da cultura cabocla, a maior parte, nas artes, incluindo dança e teatro, mas também pinturas, poesias e cinema, com destaque para a atuação a partir das escolas públicas, tendo em Lebon Régis, o exemplo mais virtuoso, com premiações nacionais e internacionais.

A partir disso, ou seja, dessas ações culturais e artísticas no Contestado, surge ousadamente, a proposta de uma ópera para o Contestado, pensada para as crianças e os jovens, no âmbito escolar, ela se diferencia por ser chamada de Ópera Xucra, pois vem da base real vivida por milhares de crianças e jovens que a cada ano se encantam com as possibilidades multidisciplinares que a Guerra do Contestado e a cultura cabocla lhes permite ler, pensar, escrever e agir sobre o seu território, aqui, o termo xucro não é pejorativo, é advindo da coisa rústica, da base mais profunda do enraizamento territorial de uma população, como se pode observar na Figura 11, cujas casinhas e igreja cabocla, foram produzidas por crianças em pleno processo de alfabetização por iniciativa da professora Mariá Juliel Siqueira, dos estudantes do segundo ano do Ensino Fundamental, a partir de um processo de alfabetização baseado em elementos da cultura local, a cabocla e a Guerra do Contestado, tema marcante na vida de tais crianças da Escola de Educação Básica Trinta de

Outubro, de Lebon Régis. Tal imagem, foi fundamental para a inspiração em escrever a Ópera Xucra da Páscoa Sangrenta de 1915, esboçada na sequência desse artigo.

Figura 11: Réplica de um reduto caboclo produzido pelas crianças da EEB Trinta de Outubro, em 2024.



Fonte: Fraga (2024).

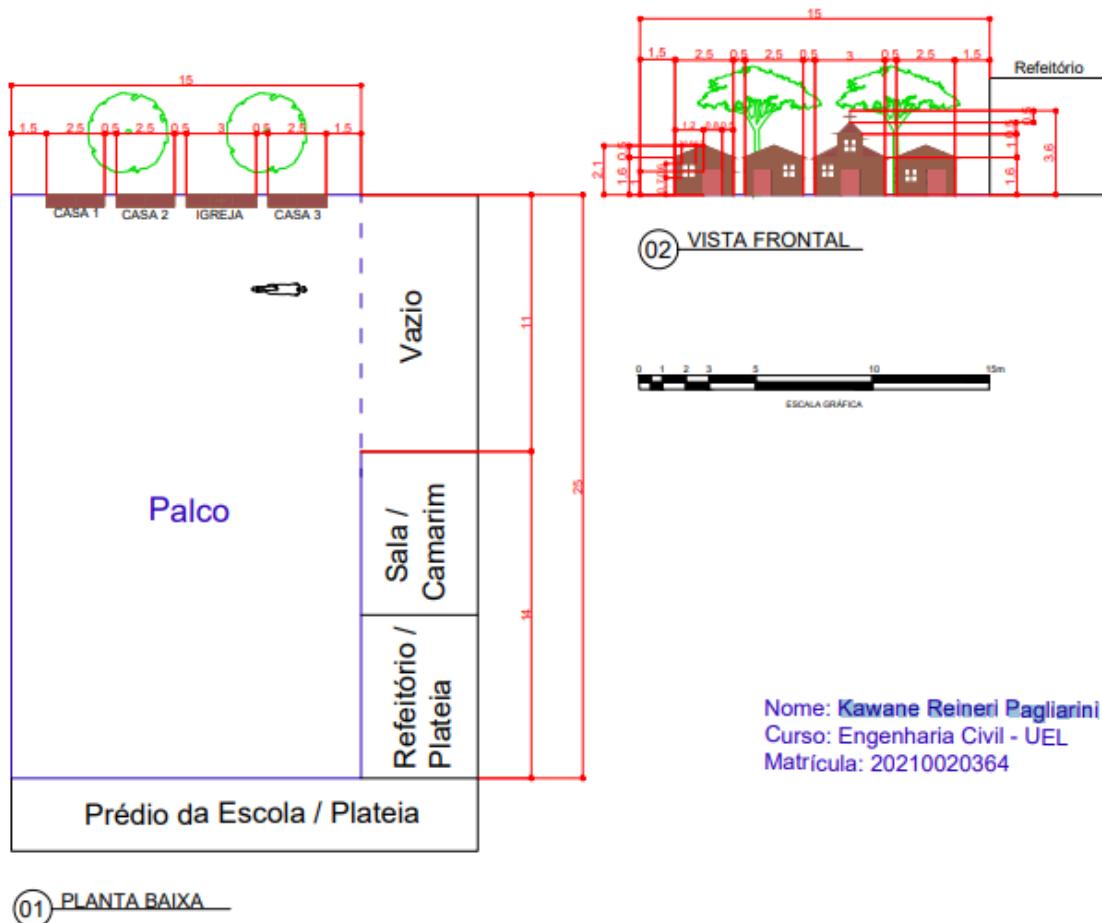
A **Ópera Xucra do Contestado** foi elaborada para a peça **Páscoa Sangrenta**, rememorando os 110 anos da Páscoa de 1915 que colocou fim ao Reduto de Santa Maria, que pertence ao município de Lebon Régis, a mesma é uma produção do autor deste trabalho, tão ousada quanto será a produção e apresentação realizada pelos estudantes e professores. A Ópera Xucra do Contestado será produzida pela EEB Trinta de Outubro, por estudantes, professores, diretoria.

Contará com uma cidade cenográfica, cujo desenho prévio foi delimitado por este autor no dia 16 de agosto de 2024, no pátio da escola, com professora Hellen Heine Carlin Barreto Ferreira e a diretora escolar professora Michele Carlin Padilha Silveira, tendo o objetivo de formar um quadro santo caboclo, com quatro cruzes e tochas para iluminação, além de fumaça cenográfica que se mantém no nível do solo (Figura 11).

A Ópera Xucra do Contestado será um espetáculo cênico de luz, imagem e som, com danças estudantis de meninos e meninas, separados. Do lado esquerdo da cidade cenográfica chegarão tanto Maria Rosa a cavalo (branco), quanto o Monge a pé (com a possibilidade de ser Salomão Ribeiro da Silva para representar o Monge). Em síntese, a Ópera Xucra do Contestado encenará a destruição do Reduto de Santa Maria pelas forças legalista, contando com muitos

figurinistas para morrerem no quadro santo. Do lado direito da escola, ficará o camarim das crianças e jovens e direção da peça. Ralf Tambke e Marcia Paraiso, da Plural Filmes, devem garantir a questão técnica da iluminação, tal questão será dialogada com eles, uma vez que possuem envolvimento com o Contestado, com Lebon Régis e Timbó Grande, já tendo produzido documentários e filmes importantes para o repensar o papel da Guerra do Contestado e da cultura cabocla, em Santa Catarina e no Brasil – a Figura 12 permite ver o projeto da cidade cenográfica projetada para o pátio escolar, elaborado na Universidade Estadual de Londrina, pela estudante de Engenharia Civil, Kawane Reineri Pagliarini.

Figura 12: Projeto da cidade cenográfica para a Ópera Xucra.



Fonte: Fraga (2024). **Org.:** Kawane Reineri Pagliarini (2024).

Como este autor não tem formação nas artes, muito menos nas artes cênicas, se fez necessário estudar os critérios metodológicos de montagem de uma ópera, o que não significa o domínio da questão posta, por conta disso, a ópera em tela se chama Ópera Xucra, permitindo uma certa licença poética sobre o que se apresenta na sequência, ou seja, a Ópera Xucra em si.

Assim, a peça/ópera terá três atos, e seis cenas, sendo:

PRIMEIRO ATO - Cena I: Vida no reduto e bombardeio; o cotidiano é rompido pelo início do bombardeio do quadro santo, com gritos, mortes etc. Um homem caboclo estará na frente de uma das casinhas cenográficas fazendo um cesto para pendurar nas costas, que levará a criança (menina) no ato final da opera; Maria Rosa fala das notícias trazidas pelos bombeiros, causando pânico na população com a notícias do ataque.

SEGUNDO ATO - Cena II: Destrução/derrubada de Santa Maria, fim da guerra, morte, dor e sofrimento; aqui haverá grandes conflitos, marcados por música, dança e luz, ocorre a dança das meninas; muita luz, muito som explosões e estampidos de canhões e metralhadoras, assim como muita fumaça; nessa cena teremos, ainda, a dança solo da Maria Rosa.

Cena III: Adeodato entra no Reduto e coloca Forma, castiga um caboclo que perdeu a fé, ouve notícias da queda de outros redutos; inicia outro ataque ao Reduto de Santa Maria onde estão, os Pares de França atiram destemidamente para a escuridão da floresta para matar peludos; um pai acalma uma pequena menina, sua filha na frente de um dos casebres; há muita desolação no ar; tudo escurece;

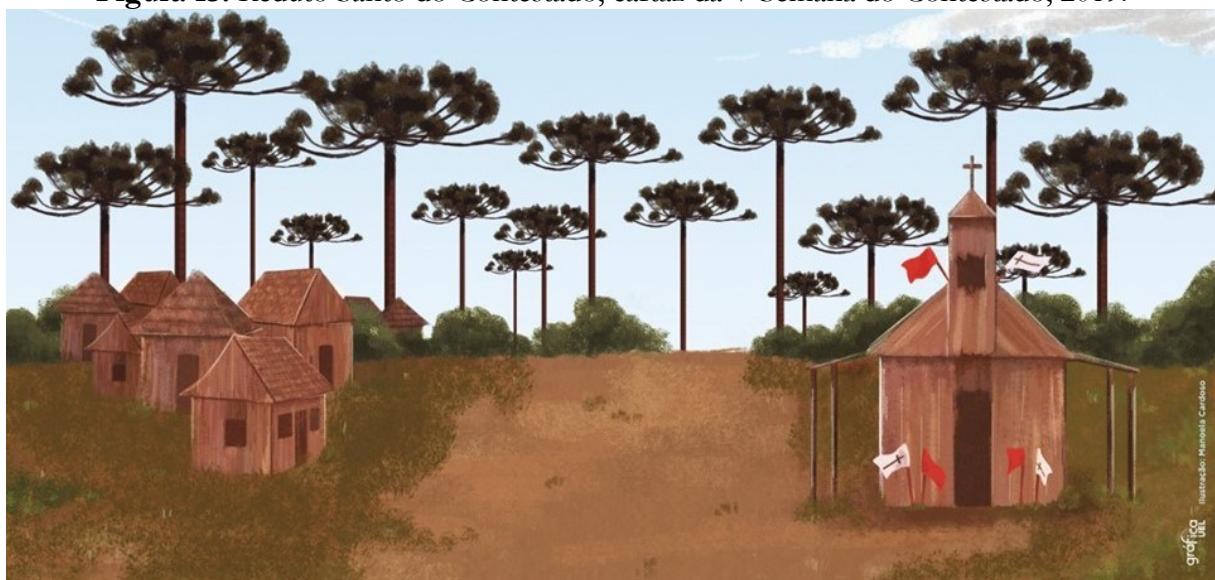
TERCEIRO ATO - Cena IV: Silêncio e escuridão, os soldados (legalistas) dançam em treino, formação e ordem unida, surge a voz do Estado (será declamado o telegrama que o general Setembrino encaminhou ao Quartel general (QG), Florianópolis, Curitiba e Rio de Janeiro dizendo que a guerra terminou e que a horda de facínoras e bandidos estava destruída, e que a ordem republicana estava restabelecida.

Cena V: Maria Rosa se encontra com uma mulher branca e pálida no meio dos destroços, conversam sobre o massacre, o sangue e a dor – é Joana D'Arc; é a guerreira Joana D'Arc que veio buscar a Joana D'Arc do Sertão, elas dialogam sobre o fim da guerra, dizendo que moralmente o povo venceu; eis que vê o Monge se aproximando a partir da escuridão do horizonte cujo foco forte de luz o faz encantado na floresta; os três conversam e se retiram de mão dadas Maria Rosa e Joana D'Arc para a floresta com foco de luz reluzente.

Cena VI: Nesse momento o caboclo Capitulino que construía sua cestinha, coloca-a nas costas com uma pequena menina vestida de branco, é Mariinha e suas lembranças da guerra, é o ato final, ele levando-a para fora da cidade/reduto com sangue até acima da canela - suas pernas estão manchadas com o sangue dos mortos... essa menina representa o passado em guerra, o presente e o futuro – por fim, na escuridão se escuta um grito da criança – pai!

Cada ato deve ter entre 10 e 15 minutos, para não ser muito grande, pois a Ópera Xucra terá entre 30 e 40 minutos de exibição, faz em muito lembrar a Tomada da Laguna e a Fúria Cabocla, encenações já conhecidas em Santa Catarina, sobre passagens importantes da história estadual. A Figura 13, traz uma arte sobre uma cidade caboclo do período da Guerra do Contestado, ou seja, um reduto santo caboclo, advindo de um cartaz produzido pelo Observatório da Região e da Guerra do Contestado, para a V Semana do Contestado de Lebon Régis, de 2019, servindo de base inspirativa para a construção da cidade cônica da Ópera Xucra.

Figura 13: Reduto Santo do Contestado, cartaz da V Semana do Contestado, 2019.



Fonte: Fraga (2019). **Org.:** Observatório da Região e da Guerra do Contestado (2019).

Na sequência, é descrita a Ópera Xucra, seguindo os critérios escolhidos para a representação cônica do cerco e da tomada do Reduto de Santa Maria, na Páscoa Sangrenta de 1915, quando as forças legalistas venceram a resistência caboclo, sendo o final do período chamado de Açougue Humano. A apresentação da ópera em si, seguirá as fontes de letras usadas na sua construção pelo autor, mesmo que venha ferir o padrão estético da revista em que está sendo publicado o artigo.

ÓPERA XUCRA DO CONTESTADO: PÁSCOA SANGRENTA

CENÁRIO

Reduto de Santa Maria

PERSONAGENS

Maria Rosa.
Monge João Maria.
Joana D'Arc.
Mariazinha (Maria Francisca).
Pai de Mariazinha (Capitulino).
Velha Senhora.
Adeodato.
Getúlio.
Seu Jóca.
Pares de França.
Figurinistas Caboclos/as (20 ou mais).
Caboclo Paulinho.
Rapazes que dançam - Estado.
Garotas que dançam – Povo Caboclo.

ÉPOCA

Fevereiro de 1915

LUGAR DA CENA

Reduto de Santa Maria

PRIMEIRO ATO

Cidade Cênica do Reduto da Santa Maria. Quadro Santo, três casebres, uma igreja, quatro cruzes, tochas, outros apetrechos próprios do cotidiano caboclo no reduto. Uma saída à esquerda, dá para a floresta. À direita, outra entrada de quem chega da floresta, onde fica o camarim. Em cada mudança de ato, teremos uma grave explosão que simbolizará seu término, seguido pelo silêncio total.

É noite de lua crescente em 4 de fevereiro de 1915, com forte névoa e fumaça dos bombardeios.

CENA I

Maria Rosa adentra o Reduto montada em um cavalo branco, enquanto as pessoas circulam, e pequenos grupos de caboclos conversam pelo Quadro Santo aparentando uma certa normalidade cotidiana, tanto que há um caboclo sentado na frente de uma das casas fazendo um cesto ladeado por uma menina bem pequena.

(A população do reduto vê sua chegada com olhar atônito)

Maria Rosa desce do cavalo

(Surpresa) - O que aconteceu, pergunta uma velha senhora?

Você nunca vorta antes do raiar do dia!

- Maria Rosa: já lhes digo!

População Cabocla do Reduto (Mantem-se afastada e um pouco assustada)

Maria Rosa no quadro santo defronte da igreja

(Angustiada e meio trêmula) – Viajei de madrugadinha depois do parto da Virza, escondida pelas sombras dos carreiros... os bombeiros avisaram que os peludos cercaram os caminhos do Caçador Grande, São Miguér, Timbó, Bom Sossego, Pedras Grandes e São Pedro... estemos completamente cercados desde tresantontem... Deodato está para chegar com os Par de França, não conseguiu romper o cerco, não há comida, e vão nos bombardear em poucos instantes... é preciso sarvar as crianças, escondam elas nos ocos da imbuias, vamos defender Santa Maria.

(Desalentada e em pânico) A população cabocla se movimenta retirando as crianças e os poucos pertences... correndo para os fundos da Cidade Santa na penumbra da noite!

SEGUNDO ATO

(Muda a Cena devido ao bombardeio)

CENA II

Garotas que dançam – Povo Caboclo.

As meninas e jovens dançam em farrapos, sujas de sangue, de lama e arranhões, pálidas pela fome do cerco, famintas depois de várias semanas sem alimentos... é uma dança de dor, de pânico, de desespero (a música é forte e de batalha, intercalada com estrondos de artilharia... as dançarinhas se esquivam do fogo dos canhões, obuses e metralhadoras) ... finda com um imenso estouro e fumaça, caem mortas no chão do Reduto de Santa Maria... Maria Rosa vague em dança suave entre os corpos demonstrando uma dor incurável na alma... as luzes se apagam e elas saem discretamente na escuridão.

(Dança solo da dor) Maria Rosa vaga sobre os corpos insepultos como um anjo branco, vestindo um rodado vestido branco, com fitas verdes e vermelhas, ornado com penas de numerosas cores...

A luz se apaga!

Maria Rosa e a população (dançarinas) saem discretamente de cena!

(Muda a Cena devido ao fim bombardeio)

CENA III

(Ofegante e estafado) Adeodato adentra o reduto e apeia do cavalo

Sobre os escombros do bombardeio, Adeodato exige a Forma, rezam (cantando) por São Sebastião, São João Maria, São José Maria e o Divino Espírito Santo, em um momento de calmaria da artilharia inimiga.

(Incrédulo no meio da reza, ouve-se um grito) - Não adianta rezar, os peludos vão matar todos nós, os santos nos esqueceram - Vamo fugir desse inferno, disse o caboclo Paulinho!

(Adeodato irritado, arrasta Paulinho até o centro do Quadro Santo) – Adeodato: Infame, covarde... vou lhe mostrar que somos protegidos pelos santos!

(Paulinho é lançado com os joelhos ao chão) Adeodato aplica-lhe 20 chibatadas no lombo.

(Adeodato com voz enfurecida) – Acreditas nos Santos que nos protegem? Dúvidas da força de São Sebastião que sempre nos protegeu das pestes e da guerra? Negas teu Padrinho São João Maria?

(Paulinho fraco, sem camisa, e com as costas sangrando) – Perdão Seu Liodato, perdão por enfraquecer na fé! Eu acredito, eu acredito! Eles vão continuar nos protegendo! Vamos vencer os peludos do djanho, vamo pelear!

(Adeodato empurra Paulinho para o meio da multidão faminta)

- Sai da minha frente, desgranuento, sorte tua que não podemos perder homens, ou te furava o buxo na bala!

(Num ímpeto) – Getúlio, Par de França grita: Seu Leodato, Caçador Grande caiu, os peludos queimaram todo o reduto, todas as casas foram queimadas, não sabemos se tem sobreviventes, Seu Jóca fugiu daquele inferno e trouxe a notícia, muito ferido, acaba de fazer a passagem, jogoumo seu corpo no rio Lava Tripa, para ao amanhecer, colocar seu corpo na carneira que já tem mais de mir pessoas para enterrar.

O caboclo Capitulino acalma sua filha, cuja cabeça é protegida entre seus braços, ela grudada em suas pernas, os dois estão abraçados, ele curvando seu corpo para proteger a criança.

(Num breve desânimo) – Adeodato olha para multidão e berra: cabrocada, vamu lutá!

Eis que se ouve uma forte explosão!

(Muda a Cena devido ao estouro de uma cápsula de obus)

Estoura um obus na lateral do Reduto.

A caboclada gritando, corre perdida por todas as partes como num formigueiro atacado.

(Adeodato grita enfurecido enquanto corpos são arrastados da cena)

Marditos peludos! – Atirem nesses desgranhetos - berra Adeodato!

- É madrugada do Domingo da Páscoa, como podem ser tão diabólicos, grita Adeodato!

(Os Pares de França atiram insistentemente contra a escuridão)

(Rajadas de metralhadora e explosões de obuses arrebentam no Reduto)

Só se escuta gritos de desespero; caboclos arrastam corpos; mulheres enfraquecidas carregam corpinhos de crianças embebidos pela fumaça; estouros e tiros!

(Resignada no meio dos mortos) Maria Rosa tenta salvar uma mulher ferida na porta da Igreja sem importar-se com o bombardeio e a fumaça! Perto dela, um homem segura uma cesta que estava produzindo para carregar mantimentos nas costas, ao seu lado, uma garotinha pálida e assustada!

(O pai acalma a filha em desespero) – Carma minha filha, carma, eu te protejo Maria Francisca! Ana Alexandra e a Mamãe já estão longe daqui, logo iremo está com elas, em paz – dizia seu pai! - Fique carma, Mariazinha!

(Desolação no meio da fumaça) – Mariazinha e o pai se escondem atrás de um casebre! Maria Rosa larga o corpo da morta na porta da igreja e caminha desolada na direção da escuridão.

Tudo escurece e silencia!

TERCEIRO ATO

(Muda a Cena devido a vitória legalista)

CENA IV

O Reduto de Santa Maria está destruído, jazem sobre o chão centenas de corpos humanos e de animais insepultos, fumaça e um silêncio sepulcral.

(Rapazes que dançam – Estado)

É preciso recordar que tirando os soldados legalistas de alta patente, os demais soldados do Exército brasileiro usavam roupas ordinárias e, mesmo, chapéus de palha.

(Dança/performasse de força) Os jovens dançam como soldados em treino, enfileirados e se mobilizando para atacar com armas em punho (as armas precisam ser feitas em madeira e com qualidade, não devemos levar armas de verdade para o palco da exibição da Ópera para não dar maior destaque aos legalistas e ao armamentismo atual, a Ópera é Xucra, do povo massacrado), cujos semblantes são de arrogância e nojo; em dois momentos da dança, exprimem uma gargalhada mortífera e soberba.

Não há falas, apenas a dança e os risos - eis a vitória imoral legalista.

Tocar uma música muito forte de derrota, de fim de batalha para essa dança!

Os soldados em forma, parados no quadro santo, escutam o telegrama da vitória!

O telegrama do Comandante legalista é encaminhado para o Rio de Janeiro, Florianópolis, Curitiba e ao Capitão Vieira da Rosa, que se encontrava no Trombudo, palco das batalhas finais.

(Um jovem com voz grave e forte lê o telegrama na escuridão da noite no Reduto devastado)

(Leitura forte e contundente do telegrama)

Em vista de ter sido tomado o reduto de Santa Maria, onde a coluna Sul fez junção com o destacamento do Capitão Potiguara, tendo o inimigo perdido em combate centenas de homens, e sendo arrasadas cinco mil quinhentas e trinta e duas casas, 11 igrejas e muitos ranchos, sobretudo agora que reina intenso frio naquelas paragens, ademais, toda a vizinhança do reduto de Santa Maria deve estar, a estas horas, pestilenta, pela enorme quantidade de homens e animais mortos e insepultos. Está terminada a Campanha do Contestado, devendo efetuar-se a perseguição aos fugitivos em todas as direções. Assim, deve ser mandando efetuar ataques de infantaria auxiliada pelo piquete civil de vaqueanos, que na região existem, em direção a Cima da Serra, e outros pontos, onde possam fugitivos aparecer. O inimigo foi completamente destroçado. O capitão Viera da Rosa, que está no Trombudo, deverá assumir o comando de toda a força de Curitibanos e arredores. Nesse sentido, encaminho este telegrama, também, ao Rio de Janeiro, Curitiba e Florianópolis, comunicando o fim desta guerra. Saudações cordiais.

(Muda a Cena devido a vitória legalista)

CENA V

(Já é Páscoa, pouco antes do dia amanhecer) – Maria Rosa sai da mata com uma espada de madeira na mão, uma luz a ilumina na caminhada! Ao seu encontro vem outra mulher vestida para batalha, mas com trajes de uma batalha mais antiga, cujas

vestimentas e espada não condizem com o mundo do sertão da Serra Acima, da Páscoa de 1915. É uma mulher branca, pálida!

(Semblante interrogativo) Maria Rosa indaga – quem é a senhora?

Joana responde: Sou Joana D'Arc, vivi batalhas tão grandes quanto as tuas! – Vim te buscar, acabou, estás na história, chega de vagar sobre esse chão de sangue! – És vencedora dessa guerra infernal e desigual!

(Atônita) Maria Rosa: – Como pode isso? Perdemos a guerra contra os peludos? Eu morri?

(Plena como uma deusa) Joana: Não, a derrota é dos encarniçados, aqueles que mataram tantas crianças nessa Páscoa Sangrenta! – Viemos te buscar!

(Incrédula) Maria Rosa: Viemos? Quem mais veio com a Senhora?

(Entra em cena, vindo da escuridão um velho homem iluminado, apoiado em um cajado, com gorro de jaguatirica)

(Surpresa e incrédula) Maria Rosa questiona: São João Maria, é o Senhor? Então perdemos a guerra, então perdemos a vida, perdemos tudo... então os peludos venceram!

(Pleno com a leveza de um santo) João Maria responde: Não minha filha, a vitória está na causa, na alma e no coração puro, na partilha e na fé! Tu venceste, tua causa é a dos heróis e santos! - Eu e Joana D'Arc viemos te buscar, os teus te aguardam na Corte Celeste!

(Delicadamente) Joana D'Arc pega na mão de Maria Rosa, há muita fumaça no ambiente, ouve-se resmungos e gemidos vindos da escuridão, gente morrendo e sofrendo!

(Os três rumam para a escuridão atrás do Reduto de Santa Maria iluminados por forte luz prateada, a luz vai diminuindo na medida em que eles somem no horizonte)

As luzes se apagam, ficam apenas as tochas acesas.

Escuridão e silêncio.

(Muda a Cena para a fuga de Mariazinha e seu pai)

CENA VI

A Fumaça está mais baixa, começa clarear o dia da Páscoa de 1915. Uma luz mostra um pai colocando um cesto nas costas; no cesto, ele coloca sua pequena filha; descalço, caminhando sobre corpo ensopados de sangue, eles registram o derradeiro diálogo da Páscoa Sangrenta! (colocar no chão, sacos com groselha ou outro produto coloidal com cor de sangue para ele pisar)

(Com medo) - Mariazinha: pai, me tira desse lugar ruim!
(Destruído pela dor e pelo horror que via pela frente passando sobre os corpos insepultos) - Capitulino: Estamo indo, filha! Nunca mais vortemo aqui, vamo achar tua mãe e Ana Alexandra.

(Com voz trêmula de pavor) – Mariazinha: pai, tem sangue até quase no teu joelho!

(Triste e com fé) – Capitulino: não olhe para baixo filha, olhe para o céu, veja as estrelas entre as nuvens de fumaça, no sol que está chegando com sua luz de liberação; lá no arto, está a Corte Celeste, lá está São Sebastião e São João Maria, eles vão nos guiá para fora desse lamaçal de sangue.

Já distantes, na escuridão sendo rompida pelos primeiros raios do sol encoberto pela fumaça na floresta, ouve-se um grito!

Paiiiii!

Fim

Traje para Maria Rosa



34

Fonte: Fraga (2015). Fotografia: cantora Nacy Lima.

Trajes para Joana D'Arc



Fonte: (Fraga, 2023). Local: Igreja de Santa Joana D'Arc, Macieira, SC.

O artigo em si, não demanda considerações finais ou conclusões, afinal, a proposta de uma Ópera Xucra Cabocla para o Contestado se caracteriza como uma ousadia para quem faz Geografia Cultural e estudos das territorialidades na Região da Guerra do Contestado, desde os anos de 1990, que a exemplo da trilogia do Adeodato, como produto literário, possui o papel de difundir a cultura cabocla de resistência nesse processo de ressignificação regional, que se vem observando desde as rememorações para o centenário da Guerra do Contestado, que segue acontecendo em diversos municípios da região, com maior destaque de envolvimento em Lebon Régis e Timbó Grande.

Tanto o texto que busca demonstrar as monstruosidades ocorridas na Páscoa Sangrenta de 1915, quando a proposição da Ópera Xucra, são passíveis de serem repensados, ampliados, e enxertados de elementos histórico-geográficos que melhor possam levam ao entendimento dos fatos e atos ocorridos, principalmente, no corredor do Açoque Humano, uma espaço geográfico que registrou os momentos mais desumanos da Guerra do Contestado, entre Perdizinhas, Serra da Boa Esperança e Santa Maria-Caçador Grande.

REFERÊNCIAS

- ANDRADE, M. C. Formação territorial do Brasil. In: BECKER, B. K. et al. (orgs.) **Geografia e Meio Ambiente no Brasil**. São Paulo: Hucitec, 1995, p. 163-164.
- AURAS. M. **Guerra do Contestado** – a organização da irmandade cabocla. 2.ed. Florianópolis: Ed. da UFSC, 1995.
- CLAVAL, P. **A Geografia Cultural** (Tradução de Luíz Fugazzola Pimenta e Margareth Afiche Pimenta). Florianópolis: UFSC, 1999.
- FERREIRA, H. F. Historiografia contestada: Reflexões acerca de alguns discursos e representações dos sujeitos atuantes na Guerra do Contestado. **Revista Santa Catarina em História**, v. 1, n. 1, p. 86-98, 2007.
- FLAVIENSE. Alexandre Caetano Gomes. **A História do Imperador Carlos Magno e os Doze Pares de França**. Rio de Janeiro: Editora Império, s/d.
- FRAGA, N. C. **Por uma Arqueogeografia brasileira:** a possibilidade de análise profunda do território a partir da Guerra do Contestado como exemplo prático. 1. ed. Videira, SC: Éxito Editora e Comunicação, 2022.
- FRAGA, N. C. **A Guerra do Contestado como crime contra a humanidade:** o direito à terra e à vida - (in)certezas sobre o mundo caboclo. FÖETSCH, Alcimara Aparecida; GEMELLI, Diane Daniela; Buch, Helena Edilamar Ribeiro (Org.). **Geografia do Contestado: 50 anos de fazer Geográfico**. Curitiba: Íthala, 2016, p. 29- 44.

FRAGA, N. C. **Araucaria angustifolia** - ganância, imediatismo e extermínio na região do Contestado. In: Nilson Cesar Fraga. (Org.). Contestado, o território silenciado. 2. ed. Florianópolis, SC: Insular, 2017, p. 269-296.

FRAGA, N. C. **Contestado em Guerra**: 100 anos do massacre insepulto do Brasil. Florianópolis: Editora Insular, 2012.

FRAGA, N. C. **Contestado, cidades, reflexos e coisificações geográficas**. Florianópolis: Editora Insular, 2016.

FRAGA, N. C. **Contestado, o território silenciado**. Florianópolis: Insular, 2017a.

FRAGA, N. C. **Contestado**: A Grande Guerra Civil Brasileira. In: REZENDE, C. J.; TRICHES, I. Paraná, Espaço e Memória – diversos olhares histórico-geográficos. Curitiba: Ed. Bagozzi, 2005, p. 228-255.

FRAGA, N. C. **Contestado**: redes no Geográfico. Florianópolis: Editora Insular, 2017b.

FRAGA, N. C. **Geografias de tempos de dominação e barbárie**: os movimentos socioterritoriais e as escolhas geográficas que negligenciam a formação territorial do Brasil. In: Flamaron Duarte Alves, Sandra de Castro de Azevedo, Estevan Leopoldo de Freitas Coca, Ana Rute do Vale. (Org.). A Dimensão política no espaço: conflitos e desigualdades territoriais na sociedade contemporânea. 1. ed. Alfenas, MG: Editora da Universidade Federal de Alfenas, v. 1, 2019, p. 84-114.

FRAGA, N. C. **Mudanças e permanências na rede viária do contestado**: uma abordagem acerca da formação territorial no Sul do Brasil. Tese (Doutorado em Meio Ambiente e Desenvolvimento) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba – PR, 2006, p. 245.

FRAGA, N. C. **Território do Contestado - Sul do Brasil**: a Civilização Cabocla e a Guerra do Contestado. Disponível em:

<https://www.youtube.com/watch?v=AvWvpdJIP1s&feature=youtu.be&fbclid=IwAR0DJaojAi1g206V5BtzNS3aTo7Yut3jYE30HuaXQavVDE_JTUuw3qLBjAA>. Acesso em: 05 jul. 2022.

FRAGA, N. C. **Território e Silêncio**: contributos reflexivos entre o empírico e o teórico. In: Nilson Cesar Fraga. (Org.). Territórios e Fronteiras: (Re)arranjos e Perspectivas. 2. ed. Florianópolis, SC: Editora Insular, 2017c, p. 73-90.

FRAGA, N. C. **Territórios e Fronteiras**: (Re)arranjos e Perspectivas. Florianópolis: Editora Insular, 2017d.

FRAGA, N. C. **Adeodato de volta ao inferno** (Formato: Impresso e e-book Kindle). 1. ed. Videira, SC: Êxito Editora e Comunicações, 2021.

FRAGA, N. C. **Adeodato, a redenção** (Formato: Impresso e e-book Kindle). 1. ed. Videira, SC: Êxito Editora e Comunicação, 2021.

FRAGA, N. C. **Adeodato: o homem que fugiu do inferno** (Formato: Impresso e e-book Kindle). 1. ed. Videira, SC: Êxito Editora e Comunicação, 2020.

FRAGA, N. C. Turismo de Guerra: a possibilidade de novo tipo de turismo para o Brasil. Marco inicial – guerra do Contestado (1912-1916). **Revista Percurso: Curitiba em Turismo**, ano 1, n. 1, 2002, p. 43-76.

FRAGA, N. C. **Um território de invisibilidade e miséria**: cem anos da maior guerra camponesa da América do Sul. In: Arno Wehling; Augusto César Zeferino; Aureliano Pinto de Moura; Gunter Axt; Helen Crystine Sanches. (Org.). 100 Anos do Contestado: memória, história e patrimônio. Florianópolis: Ministério Público de Santa Catarina, 2013, p. 369-392.

FRAGA, N. C. **Vale da Morte**: o Contestado visto e sentido - "entre a cruz de Santa Catarina e a espada do Paraná". Blumenau: Editora Hemisfério Sul, 2015.

FRAGA, N. C.; GOLÇALVES, C. **Timbó Grande, o último reduto do Contestado**: um território de muitas batalhas. In: Contestado: cidades, reflexos e coisificações geográficas. Org. FRAGA, Nilson Cesar. Florianópolis: Editora Insular, 2016.

FRAGA, N. C.; GONÇALVES, C.; CAVATORTA, M. G. Contestado: o sagrado e o profano de uma guerra secular. **Geografia (Londrina)**, v. 26, n. 1, 2017, p. 143-157.

FRAGA, N. C.; HOBAL, M. A.; FERNANDES, R. C. P. Turismo de Guerra – o roteiro turístico como elemento de desenvolvimento local e regional para o interior na perspectiva de que o “Brasil oferece mais do que praias e carnaval”. Curitiba. **Percurso: Curitiba em Turismo**, Faculdades Integradas Curitiba, a. 5, n. 5, 2006, p. 137-186.

FRAGA, N. C. **O Crematório de Cadáveres de Perdizinhas, Lebon Régis, SC**: um espaço de memória da Guerra do Contestado e um dia de debates na Serra da Boa Esperança (23/02/2016). Disponível em: <<https://www.acracom.com.br/blog/santa-catarina/o-crematorio-de-cadaveres-de-perdizinhas-lebon-regis-sc-um-espaco-de-memoria-da-guerra-do-contestado-e-um-dia-de-debates-na-serra-da-boa-esperanca>>. Acessado em: 14 de julho de 2022.

FRAGA, N. C.; SILVEIRA, H. M. O sabor do pinhão e as paisagens de uma região contestada e silenciada. **Caderno de Geografia**. Florianópolis. UFSC, v. 26, 2016, p. 237-254.

FRAGA, N. C.; GONCALVES, C.; CAVATORTA, M. G. Contestado: O Sagrado e o Profano de Uma Guerra Secular. **Geografia (Londrina)**, v. 26, 2017, p. 143-157.

FRAGA, N. C.; SILVEIRA, H. M. Paisagens desveladas e (re)criadas pelas artes: o território identitário do Contestado. **Geographia Opportuno Tempore**. UEL, v. 1, 2014, p. 554-571.

FRAGA, N. C. **Território, Região, Poder e Rede**: olhares e possibilidades conceituais de aproximação. Curitiba: Relações Internacionais no Mundo Atual, a. VII, n. 7, 2007, p. 9-32.

FRAGA, N. C. **Vale da Morte**: o Contestado visto e sentido. Entre a cruz de Santa Catarina e a espada do Paraná. Blumenau: Ed. Hemisfério Sul, 2010.

FRAGA, N. C. O território do Contestado (SC-PR) e as redes geográficas temporais (the contested territory and the temporal geographical networks). **Mercator (Fortaleza. Online)**, v. 9, 2010, p. 37-45.

FRAGA, N. C.; SIMAS, F. A. O. As tropas militares da guerra do Contestado em passagem no Vale do Itajaí: descrição da paisagem e do modo de vida regional. **Blumenau em Cadernos**, v. 51, 2010, p. 58-74.

FRAGA, N. C. Caminha Contestado: um circuito turístico de caminhada, pedalada e cavalgada pelo território histórico-geográfico da Região da Guerra do Contestado - marco inicial e lente teórica. **A Frente - Jornalismo das Gentes**, São Miguel do Oeste, SC, p. 1 - 12, 9/9/2022.

FRAGA, N. C. Vale do Contestado, uma morte anunciada, em julho de 2019, pelos que não aceitam a existência da cultura cabocla. **Diário Rio do Peixe**, Caçador, SC, p. 1 - 16, 2/9/2019.

FRAGA, N. C. Vale do Contestado, uma morte anunciada, em julho de 2019, pelos que não aceitam a existência da cultura cabocla. **Portal Desacato**, Florianópolis, SC, p. 1 - 16, 2/9/2019.

FRAGA, N. C. Coração do Contestado: o reconhecimento e os desafios de um município catarinense, palco central da Guerra do Contestado (**Portal Desacato**).

<http://desacato.info/coracao-do-contestado-o-reconhecimento-e-os-desafios-de-um-municipio-catarinense-palco-central-da-guerra-do-contestado/>, Florianópolis, SC, p. 1 - 12, 29/1/2018.

FRAGA, N. C. **Matos Costa, desde São João dos Pobres**, um brilhante município planaltino no Contestado catarinense. 2013. Disponível em: <<http://desacato.info/matos-costa-desde-a-sao-joao-dos-pobres-um-brilhante-municipio-planaltino-no-contestado-catarinense/>>. Acesso em: 29/9/2023.

FRAGA, N. C. **Timbó Grande, o último reduto** – Município planaltino do Contestado Catarinense, cidade das meninas de lábios de mel. 2014. Disponível em:
<<http://desacato.info/timbo-grande-o-ultimo-reduto-municipio-planaltino-do-contestado-catarinense-cidade-das-meninas-de-labios-de-mel/>>. Acesso em: 12/7/2023.

FRAGA, N. C. Vicente Telles, o semeador da esperança do Contestado (JMais). **JMais**, Canoinhas, SC, p. 1 - 10, 27/1/2018.

FRAGA, N. C. Coração do Contestado: o reconhecimento e os desafios de um município catarinense, palco central da Guerra do Contestado (Jornal Caboclo). **Jornal Caboclo**, Caçador, SC, p. 1 - 12, 25/1/2018.

FRAGA, N. C. Coração do Contestado: o reconhecimento e os desafios de um município catarinense, palco central da Guerra do Contestado (Click RioMafra). **Click RioMafra**, Mafra, SC, p. 1 - 12, 24/1/2018.

FRAGA, N. C. “Contestado, a arqueogeografia na terra da guerra esquecida: fragmentos de um crime contra a humanidade?”. **IFC – Instituto Federal Catarinense**, Videira, SC, p. 1 - 1, 17/5/2017.

FRAGA, N. C. Lebon Régis revive o Contestado. **O Lebonregense**, Lebon Régis, SC (Trombudo), p. 8 - 8, 1/3/2022.

FRAGA, N. C. 100 Anos do Acordo de Limites entre os Estados de Santa Catarina e Paraná.

Diário da Assembleia Legislativa do Estado de Santa Catarina, Florianópolis, SC, p. 5 - 6, 8/11/2016.

FRAGA, N. C. O Crematório de Cadáveres de Perdizinhas, Lebon Régis, SC: um espaço de memória da Guerra do Contestado e um dia de debates na Serra da Boa Esperança. **Associação Catarinense de Rádios Comunitárias**, Caçador, SC, p. 1 - 2, 2/6/2017.

FRAGA, N. C. Serra da Boa Esperança, geografias de um território revisto e (re)sentido do Contestado. **Portal Desacato**, Florianópolis, SC, p. 1 - 15, 18/6/2024.

FRAGA, N. C. Timbó Grande, o último reduto - município planaltino do Contestado catarinense, cidade das Meninas de Lábios de Mel. **Portal Caçador**, Caçador, SC, p. 1 - 13, 27/1/2024.

FRAGA, N. C. Matos Costa, desde a São João dos Pobres, um brilhante Município Planaltino no Contestado Catarinense. **Portal Desacato**, Florianópolis, SC, p. 1 - 4, 24/10/2023.

FRAGA, N. C.; LUDKA, V. M. Bela Vista do Toldo, a agonia de uma pequena cidade do contado que vê seu patrimônio material ser destruído pelo abandono e descaso. **Diário do Planalto**, Canoinhas, SC, p. 2 - 2, 3/9/2023.

FRAGA, N. C. Observatório preserva memória do Contestado. **Jornal Metrô Curitiba**, Curitiba, PR, p. 4 - 4, 05/8/2023.

FRAGA, N. C. 'Espaços sagrados' do Contestado são mapeados. **Blog do Tupan**, Curitiba, PR, p. 1 - 1, 17/7/2023.

FRAGA, N. C. **Dossiê Vale do Contestado**. Ouvidoria do Ministério Público de Santa Catarina. Manifestação n. 20.28.1308.0029282/2019-16, 2019b, 38 p.

FRAGA, N. C. **Vale do Contestado, uma morte anunciada, em julho de 2019, pelos que não aceitam a existência da cultura cabocla**. 2019. Disponível em: <<http://desacato.info/vale-do-contestado-uma-morte-anunciada-em-julho-de-2019-pelos-que-nao-aceitam-a-existencia-da-cultura-cabocla/>>. Acesso em: 22/7/2023.

FRAGA, N. C. **Semana do Centenário do Massacre de Santa Maria, Timbó Grande** (22 de março de 2015). Disponível em: <<http://desacato.info/semana-do-centenario-do-massacre-de-santa-maria-timbo-grande/>>. Acesso em: 27/5/2023.

FRAGA, N. C. **A Cidade Coração do Contestado, história, presente e desafios**. 2018. Disponível em <<http://jornalcaboclo.com.br/index.php/2018/01/25/coracao-do-contestado-o-reconhecimento-e-os-desafios-de-um-municipio-catarinense-palco-central-da-guerra-do-contestado-por-nilson-cesar-fraga/>>. Acesso em: 15/8/2023.

GALEANO, E. **As Veias Abertas da América Latina**. (trad. Galeano de Freitas). Rio de Janeiro, 1978.

LACERDA DELFINO, L., & RIOS DE CARVALHO, M. E. A geografia social da morte às margens da modernização: as transformações conservadoras nas práticas de sepultamento em São João Del-Rei. **Caminhos da História**, 24(2), 43–66.

Disponível em:

<<https://www.periodicos.unimontes.br/index.php/caminhosdahistoria/article/view/2615>>.

Acessado em 22/11/2022.

FRAGA, N. C. **Território do Contestado - Sul do Brasil**: a Civilização Cabocla e a Guerra do Contestado. 2020. Disponível em:

<https://www.youtube.com/watch?v=AvWvpdJIP1s&feature=youtu.be&fbclid=IwAR0DJaojAi1g206V5BtzNS3aTo7Yut3jYE30HuaXQavVDE_JTUuw3qLBjAA>. Acesso em: 22/6/2023.

FRAGA, N. C.; HOBAL, M. A.; FERNANDES, R. C. P. Turismo de Guerra – o roteiro turístico como elemento de desenvolvimento local e regional para o interior na perspectiva de que o “Brasil oferece mais do que praias e carnaval”. Curitiba. **Percurso: Curitiba em Turismo**, Faculdades Integradas Curitiba, a. 5, n. 5, 2006, p. 137-186.

NOSSA, L. & JÚNIOR, C. Discriminação social marca geração pós-guerra. In: **Meninos do Contestado**, 11 de fevereiro de 2012 – Estado de S. Paulo. Disponível em:

<<http://topicos.estadao.com.br/contestado>>. Acesso em: 30/10/2021.

OLIVEIRA, D. G. (2020) **Indicação Geográfica do Contestado Caboclo e Cooperativa Agroindustrial Familiar “as Quatro Irmãs do contestado”**: uma proposição de rompimento do subdesenvolvimento regional no Contestado catarinense. Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Estadual de Londrina, tese de doutorado, Londrina, 2020.

OLIVEIRA, É. D.; FRAGA, N. C. Lebon Régis/SC, da vivência cabocla no Contestado ao sufocamento na lógica agrário-capitalista. **Revista Tamoios**, v. 12, n. 2, 2016.

PEREIRA, O. D. O cinquentenário da guerra sertaneja do Contestado, Paraná-Santa Catarina. **Revista Civilização Brasileira**, ano 1, n. 9-10, set./nov., 1966, p. 235-246.

PREFEITURA MUNICIPAL DE LEBON RÉGIS. **História do Município**. 2023. Disponível em: <<https://www.lebonregis.sc.gov.br/cms/pagina/ver/codMapaItem/107313>>. Acesso em: 1/1/2024.

PREFEITURA MUNICIPAL DE TIMBÓ GRANDE. **Notícias**. 2015. Disponível em:<<https://www.timbogrande.sc.gov.br/cms/pagina/ver/codMapaItem/55024>>. Acesso em: 1/1/2024.

QUEIROZ, M. V. (1966). **Messianismo e Conflito Social** (A Guerra Sertaneja do Contestado: 1912-1916). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1966.

REICHERT, P. **Diferenças culturais entre caboclos e teuto-brasileiros de Porto Novo**: a segregação social do caboclo. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-graduação em Geografia. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2008.

ROCHA, D. L.; ZATTA, A.; FRAGA, N. C. A construção de um novo estado: Santa Catarina, do Contestado ao agronegócio. **Geographia Opportuno Tempore**. UEL, v. 3, 2017, p. 63-77.

SANTOS, M A **natureza do espaço**. São Paulo: Hucitec, 1996.

SANTOS, M. **Metamorfose do Espaço Habitado**. São Paulo: Hucitec, 1988.

SANTOS, M. **Técnica, espaço, tempo**: Globalização e Meio Técnico-Científico Informacional. 3^a Ed. São Paulo: Hucitec, 1997.

SOETHE, R.; FRAGA, N. C. Reduto e Combate Entre a Serra Acima e a Serra Abaixo: O Contestado Chega ao Vale do Itajaí: Itaiópolis e Santa Terezinha São Palco de Guerra. **Blumenau em Cadernos**, v. t.53, 2012, p. 26-49.

TEIDER, T. M. M.; FRAGA, N. C. O Contestado Vive! Entre o espaço sagrado de João Maria e o Assentamento Contestado, resistências sobre a invisibilidade secular na Lapa-PR. **Geographia Opportuno Tempore**, v. 3, p. 184-198, 2017.

TOLSTOI, L. **Guerra e Paz**. 2. ed. São Paulo: Editora Globo, 1955.

TUAN, Y. **Topofilia**: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente, (Tradução de Lívia de Oliveira) Londrina: Eduel, 2012.

TUAN, Y. **Paisagens do medo**. São Paulo: Editora da UNESP, 2005.

VITIELLO, S. R.; FROIS, A. K. O resgate da identidade cabocla no território da Guerra do Contestado como uma estratégia de microemancipação. **Geographia Opportuno Tempore**, v. 5, n. 3, p. 151-171, 2019.

Recebido em: dezembro de 2024
Aceito em: dezembro de 2024